

Faltam esculturas nas praças

São Paulo continua o exemplo marcante de cidade nua em termos de obras de arte em locais públicos. Raros prédios oficiais ou particulares apresentam painéis ou mesmo pinturas — considerados de efetiva criação artística — em suas fachadas ou no seu interior.

Apenas nos últimos cinco anos houve um tímido avanço, quando os responsáveis pelas grandes incorporações imobiliárias resolveram decorar os saguões de entrada dos edifícios de apartamentos com uns poucos quadros a óleo e muitas gravuras. Além disso, um ou outro estabelecimento bancário também aceitou investir nessa área, embora a cada novo dia surjam dezenas de novas agências por todos os bairros, invariavelmente com paredes limpas.

No setor de escultura o panorama é ainda mais constrangedor. Poucos proprietários se sensibilizam e buscam melhorar a estética do local onde se situa o imóvel, com a instalação de esculturas em seus jardins, pelo menos.

As praças públicas paulistas estão igualmente carentes de peças de arte, de esculturas autênticas, não apenas decorativas ou pouco expressivas, como as que são vistas presentemente em alguns pontos. Afóra o problema das áreas verdes, de que muitas praças se ressentem, ela ainda apresentam-se isoladas, frustradas, porque nem mesmo uma escultura nobre mereceram.

Há coisa de dois anos, quando da colocação de uma grande escultura de ferro, na confluência das ruas 24 de Maio e D. José de Barros, muitos que por ali passam continuamente estranharam a "novidade". Houve impacto, com as grandes hastes projetadas para os lados e para o alto. Depois, examinando melhor a obra — e apesar de seu ecletismo simbólico — representando de qualquer forma a pujança de São Paulo — muitos acabaram por admirá-la. E hoje a escultura de Nicolas Vlavianos está integrada à paisagem paulistana. Quantas outras peças semelhantes não poderiam estar espalhadas por outros pontos da Capital?

Situações semelhantes ocorreram quando da colocação de outras peças escultóricas não só à frente de prédios, como em jardins particulares ou até mesmo em igrejas. Os exemplos não são muitos, mas na avenida Paulista há uma escultura (passaro imaginário) de Liuba Wolf e duas grandes figuras de pedra do pernambucano José Cláudio; nos jardins fronteiros à Fundação Armando Álvares Penteado (rua Alagoas) estão peças de Caciporé Torres, Vlavianos, Sérgio Camargo, Bruno Giorgi e Weissmann; na praça dos Franceses (Bela Vista) um gigantesco totem de Calabrone. Nas Per-

dizes, na Igreja dos Dominicanos, os fiéis ou simples curiosos, já aceitam as formas não convencionais que a escultora Liuba deu à madona de bronze, que domina a entrada do templo.

Em compensação, que grande obra de arte, mais precisamente, que escultura ou conjunto de peças esculpidas foi projetado para a fria, desumana e acadêmica praça Roosevelt? E no Anhangabaú, na praça do Correio, na praça Júlio Mesquita, na praça D. José Gaspar, no boulevard da av. São Luís no parque Ibirapuera ou na própria praça da República, que trabalhos expressivos representativos da arte contemporânea temos? Quando muito são vistas estátuas e bustos que simbolizam muito em termos de quem é homenageado, mas nada ou muito pouco traduzem do ponto de vista de arte.

Como destacou o pintor e escultor Carlos Blank, parece que agora as coisas poderão tomar outro rumo, considerando a

milagrosa abertura prestes a concretizar-se na vasta área que passaram a ocupar, numa só dimensão, as praças Bevilacqua e Sé. Lá surgirá, ao ar livre, quase formando um minimuseu escultórico, um reduto da escultura moderna brasileira. Serão figuras, de homens e animais, formas geométricas ou simplesmente abstracionistas, de ferro, mármore, bronze, cimento, madeira, pedra e material plástico a exhibir um pouco do que fazem os nossos escultores, entre eles Bruno Giorgi, Francisco Stockinger, Rubem Valentim, Franz Weissmann, Ascânio Monteiro, Mário Cravo Júnior, Calabrone, Vlavianos, Caciporé Torres, Felícia Leirner, Toyota, Sérgio Camargo e Amílcar de Castro.

Mesmo assim é pouco para São Paulo. Outros locais deveriam estar providos de obras semelhantes. Só assim o grande público poderia tomar contato direto com as realizações contemporâneas de arte.

E é bom deixar consignado aqui, no final deste trabalho, que uma galeria especializada em escultura da Capital — a "Skultura" — propôs realizar uma grande exposição pública com trinta dos nossos mais conhecidos artistas na arte de esculpir. Seria uma demonstração positiva para o paulistano. Para concretizar a mostra só pedia um praça pública, um local bem popular, até mesmo as estações do metrô. Os gastos oficiais seriam com o transporte das obras, o seguro das mesmas e a contratação de guarda permanente no local para evitar danos. Os trinta artistas consultados aprovaram a idéia. Mais do que isso: comprometeram-se a doar seus trabalhos, para difusão da arte. Mas o projeto simplesmente foi recusado. E nunca mais se falou no assunto. Nem nesse nem naqueles que, de tempo em tempos, sugerem a instalação de obras de arte nos logradouros públicos. Até quando?

Ivo Zanini



Quantas esculturas não caberiam na praça da República, como em tantas outras praças de São Paulo?



Escultura de Carlos Blank, em casa particular



"Forma de Torre" é o nome desta peça em bronze de Liuba, artista que fez uma "madona" de bronze para a Igreja dos Dominicanos.